

UTILIZAÇÃO DO FILME O SÉTIMO SELO (1957) COMO POSSIBILIDADE DE FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Felipe Fladson Ribeiro Queiroz ¹
Yris Araújo Bandeira ²

RESUMO

O ensino de história nas escolas públicas tem se beneficiado da utilização de diversos materiais audiovisuais como ferramentas de ensino e aprendizagem. Devido ao grande número de obras cinematográficas produzidas sobre o tema, a História Medieval se destaca como uma temática amplamente explorada no cinema. Este artigo tem como objetivo apresentar o filme "O Sétimo Selo" (1957), dirigido por Ingmar Bergman, como uma alternativa para compreender a mentalidade medieval no contexto escolar. Trata-se de uma revisão de literatura sobre iconografia medieval e ensino de história, a partir dos estudos de Jacques Le Goff e Circe Bittencourt, em diálogo com as cenas da obra citada. Estudos anteriores indicam um desafio para os professores: não utilizar o cinema contemporâneo como mera ilustração, mas sim como instrumento de reflexão para compreender as sociedades analisadas. No longa-metragem, é possível observar as danças macabras, pinturas comuns nas igrejas durante a Baixa Idade Média, que representam camponeses, nobres e membros do clero dançando com um personagem que simboliza a morte. Essa cena demonstra a forte presença da morte no cotidiano da sociedade feudal durante o século XIV, com o avanço da peste negra na Europa ocidental. Conclui-se que debater a iconografia presente no filme "O Sétimo Selo" no ambiente escolar, além de incentivar a pesquisa e reflexão por parte dos professores e estudantes sobre a mentalidade medieval, estimula a aproximação entre as linguagens da história e do cinema.

Palavras-chave: Ensino de história, Iconografia, História medieval e Cinema

INTRODUÇÃO

A "linguagem" do cinema revela-se ininteligível e, como a dos sonhos, é de interpretação incerta. Mas essa explicação não é satisfatória para quem não conhece o infatigável ardor dos historiadores, obcecados por descobrir novos domínios, sua capacidade de fazer falar até troncos de árvores, velhos esqueletos e sua aptidão para considerar como essencial aquilo que até então julgavam desinteressante. (Ferro, 1992., p 79.)

Com frequência, os professores e professoras da disciplina de história têm se utilizado da linguagem cinematográfica em suas aulas para aproximar os estudantes de diversos períodos históricos diferentes de sua realidade. Esse exercício apresenta algo de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - CE, prof.felipefladson@gmail.com;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - CE, yrisbandeira@gmail.com;

fundamental para o historiador-professor-pesquisador: a busca por novos campos de trabalho e de fontes que sirvam como base para a construção do conhecimento histórico.

Desde o período imperial, o ensino de história, seguindo a orientação da escola metódica, foi constituído como instrumento de construção do Estado nacional e do cidadão obediente e patriótico, no decorrer do século XIX. O atual paradigma historiográfico ao qual esse trabalho se atrela, coloca o ensino de história como fundamental na formação de sujeitos críticos e autônomos frente aos desafios da realidade brasileira. (Bittencourt, 1990).

O uso de filmes em sala de aula tem se consolidado como uma ferramenta eficaz para mediar o aprendizado dos estudantes e os conteúdos históricos. Um dos temas que mais se destacam nesse contexto é a História Medieval, amplamente explorada pelo cinema e, por isso, especialmente rica em recursos visuais para o ensino. Diante dessa realidade, torna-se importante refletir sobre essa metodologia e suas implicações para a prática de ensino-aprendizagem em História, visando identificar tanto novas possibilidades quanto os desafios que surgem nesse processo. De acordo com Bittencourt (2008, p.360-361),

Essas imagens, com suas especificidades, são produzidas diferentemente, sendo algumas delas criadas como material didático e outras, posteriormente, transformadas em recursos didáticos, como é no caso de filmes de ficção ou fotos. Mas, independentemente da origem da imagem, o problema central que se apresenta para os professores é o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige, para que não se limite a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual.

No excerto destacado, a autora apresenta duas grandes reflexões ao mergulhar no trabalho de imagens. Primeiro que trabalhar com filme, significa um trato teórico e metodológico específico com foco no estudo de iconografias. Nesse contexto, cada imagem ou cena deve ser vista como um elemento de análise histórica, oferecendo nuances que auxiliem na compreensão da mentalidade ou do contexto representado, sem simplificações. A segunda reflexão sublinha que o filme não deve substituir a figura do professor em sala de aula, nem ser utilizado meramente como entretenimento ou recurso visual que agrada a uma sociedade já saturada de imagens e sons.

Dessa forma, este artigo explora as possibilidades e os limites do uso do filme *O Sétimo Selo* (1957), dirigido por Ingmar Bergman, como uma ferramenta didática para auxiliar a compreensão da mentalidade medieval dentro do contexto escolar. Para isso, é necessário definir o que seria essa mentalidade medieval, muitas vezes representada de

forma mais ou menos fictícia em produções cinematográficas de cada autor. Partindo desse objetivo geral, o presente trabalho discute como o professor deve utilizar um longa metragem para trabalhar a medievalidade em sala de aula. Ademais, é debatido as conexões que podem ser feitas entre a iconografia do filme *O sétimo selo* e o ensino e aprendizagem de história.

A película retrata a história do cavaleiro Antonius Block, que após passar uma década em Jerusalém lutando em uma guerra santa, retorna ao seu lar, a Suécia do século XIV. Logo no início, enquanto chega em uma praia, Block encontra-se com a Morte, que vem para buscá-lo. Ele, então, pede um tempo adicional, concedido por meio de um jogo de xadrez que propõe à Morte. Esse desafio permite que a narrativa se estenda da primeira jogada até o xeque-mate, o que marca, como se verá, o começo e o desfecho de *O Sétimo Selo*. Durante o jogo, o personagem apresenta ao espectador os principais momentos de angústias e dúvidas sobre a existência de Deus durante a trajetória de sua vida. O filme pode ser dividido, de acordo com Godoy (2015, p. 140), da forma descrita a seguir:

Ao utilizar a técnica da “decupagem clássica”¹¹ na montagem da película d’*O Sétimo Selo* para explicitar toda descontinuidade espaço-temporal a fim de não confundir a plateia, Bergman possibilita que se divida *O Sétimo Selo* em dezesseis episódios: 1º: Block, Jöns e a Morte na praia; 2º: a companhia circense na mata paradisíaca; 3º: Block e Jöns na paróquia; 4º: Block e Jöns em um vilarejo com Raval e a Menina; 5º: a companhia circense encena uma peça em um vilarejo, e Lisa foge do cônjuge, o ferreiro Plög, com Skat; 6º: a caminhada flagelante; 7º: a sova de Jöf da taverna; 8º: a refeição de morango e leite; 9º o ferreiro Plög conhece Jöns, a quem se queixa acerca do amor; 10º: Lisa reaparece com Skat e se reconcilia com Plög; 11º: a Morte cerra a árvore em que Skat se pendura; 12º: na floresta, o elenco se depara com a carroça que conduz a feiticeira Tyan; 13º: Raval reaparece somente para morrer de peste; 14º: na floresta, a Morte anuncia o xeque-mate; 15º: a leitura do Apocalipse bíblico pela mulher de Block, Karin, na fortaleza; 16º: a Dança da Morte¹².

Essa organização episódica, aliada ao ritmo e as cenas que prendem atenção do espectador pela sua montagem permite ao pesquisador analisar os trechos do filme de forma não linear com maior facilidade. Para a análise dos dados obtidos da pesquisa sobre a temática, será utilizado a análise de conteúdo proposto por Bardin (1995), que segundo o autor “absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem’. Ou seja, a análise objetiva e subjetiva de qualquer matéria necessita de um olhar investigativo para o que está explícito, mas também para o que está implícito.

O uso da narrativa cinematográfica da vida de Antonius Block no ensino de História Medieval demonstra-se valioso para enriquecer a compreensão da mentalidade medieval, incentivando a pesquisa e a reflexão crítica entre alunos e professores. A iconografia presente na obra permite uma análise visual que, ao interligar as linguagens do cinema e da História, facilita a aproximação dos estudantes com a época medieval e amplia as possibilidades pedagógicas para os professores, transformando o aprendizado em uma experiência interdisciplinar.

Contudo, há limites práticos que dificultam a aplicação desse recurso em muitas escolas públicas, como a falta de infraestrutura adequada, incluindo projetores, telas de bom tamanho e espaços como auditórios. Além disso, a ausência de uma dublagem em português exige o uso de legendas, que precisam ser bem visíveis para facilitar o entendimento do conteúdo, o que depende de condições técnicas específicas ainda pouco acessíveis em diversas instituições de ensino.

METODOLOGIA

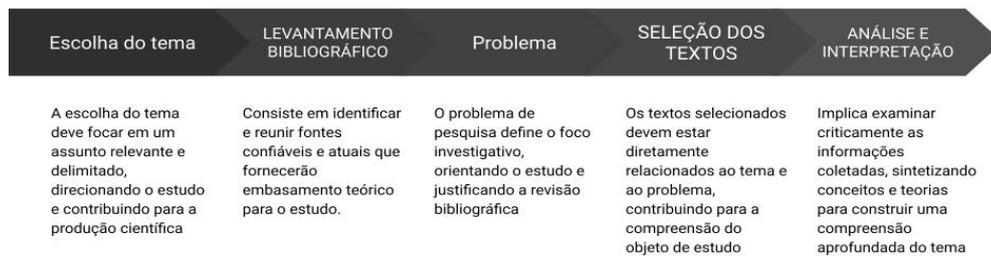
A metodologia deste trabalho fundamenta-se em duas abordagens complementares. A primeira é a pesquisa bibliográfica, baseada nas contribuições de Jacques Le Goff para a compreensão da Idade Média e nas reflexões de Circe Bittencourt sobre o papel do professor no ensino de História e o uso do cinema em sala de aula.

A escolha se justifica pelos dois pesquisadores supracitados serem, hoje, grandes referências sobre os respectivos temas e o volume de trabalhos produzidos sobre eles. Para tanto, foram usados livros e artigos científicos produzidos pelos mesmos, que abordam as principais categorias desse trabalho: Idade Média, Cinema e Ensino de História.

O percurso metodológico adotado para o levantamento e discussão da bibliografia encontra-se representado na figura a seguir, construído com base nas etapas propostas por Marconi e Lakatos (2003). Esse caminho inclui desde a seleção cuidadosa das fontes mais relevantes e atualizadas até a análise crítica dos textos, permitindo uma fundamentação teórica sólida para abordar a interseção entre Idade Média, Cinema e Ensino de História. A organização desse levantamento visa assegurar uma compreensão

aprofundada e estruturada dos conceitos centrais e categorias que sustentam a análise deste trabalho.

Figura 1 – Trajetória da revisão bibliográfica



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O segundo caminho, será análise de conteúdo utilizada para organizar e analisar os dados obtidos pela pesquisa e pela análise do filme *O sétimo selo*. Laurence Bardin (1977) foi o principal autor e sistematizador desse método. Bardin (1995, p.133) questiona

Sobre o que é que pode incidir este tipo de interpretação controlada que é, na análise de conteúdo, a inferência? [...] A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este linguísta, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano desejando, distanciar-se da sua leitura «aderente», para saber mais sobre esse texto.

O trecho destaca o papel da análise de conteúdo como um método interpretativo que vai além de uma leitura superficial, oferecendo uma compreensão mais rica e detalhada da mensagem presente em diversos textos, cada um com suas devidas peculiaridades atreladas ao seu formato. No caso de produções fílmicas, percebemos que as ideias do autor dialogam com visão historiográfica na qual ao analisar um filme é necessário nos atentarmos a duas perguntas: “O que é o filme?”, ou seja, o tema e assuntos apontados explicitamente; e “o que não é o filme?”, a produção, os bastidores, contexto de seu lançamento e os interesses ideológicos por trás de cada cena e imagem que é transmitida há quem assiste. (Ferro, 1992).

REFERENCIAL TEÓRICO

É necessário, antes de debater a iconografia na produção cinematográfica mencionada, definir o conceito de Idade Média utilizado neste trabalho. Durante muito tempo, a divisão tradicional predominante foi a estabelecida no século XIX, que corresponde ao período que se estende de 476 d.C., com a queda do Império Romano do Ocidente, até 1453 d.C., com a conquista da Cidade de Constantinopla. Contudo, uma nova divisão é apresentada por Le Goff (1993, p.12) em seu livro *Para um novo conceito de idade média*:

Uma outra Idade Média é – no esforço do historiador – uma Idade Média total, elaborada tanto a partir das fontes literárias, arqueológicas, artísticas, jurídicas, como a partir dos únicos documentos outrora concedidos aos medievalistas “puros”. É, repito, uma longa Idade Média, em que todos os aspectos se estruturam num sistema que, no essencial, funciona desde o Baixo Império romano até a Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX. É uma Idade Média profunda que o recurso aos métodos etnológicos permite abarcar nos seus hábitos quotidianos, nas suas crenças, nos seus comportamentos, nas suas mentalidades.

Aqui, o autor expõe sua tese principal, que desafia a visão tradicionalmente metódica da Idade Média como um período isolado e fechado em si mesmo, propondo uma redefinição mais ampla e dinâmica da época. Ele justifica essa nova definição ao afirmar que o período medieval não pode ser considerado uma fase estática da história, mas, ao contrário, um momento complexo e transformador que interage e contribui para os desenvolvimentos subsequentes, enriquecendo nossa compreensão do período medieval. No livro *As raízes medievais da Europa*, Le Goff (2007) ele a situa entre a Alta idade média, que começa entre século VI e VIII, período chamado de “antiguidade tardia”, e a revolução industrial no fim do século XVIII.

É então, a partir dessa teoria basilar que o trabalho compreende a representação da idade média na produção bergmaniana e sua possibilidade de utilização em sala de aula. A relação entre História e Cinema é dissecada pelo historiador Marc Ferro em seu livro *Cinema e História*, de 1992, no qual ele levanta a reflexão sobre o lugar do cinema como fonte histórica. Segundo o autor:

Partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou o desmentido do outro saber que é o da tradição escrita. Considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Os historiadores já recolocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não-escritas: o folclore, as artes as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz. (Ferro. 1992, p.86)

O trecho apresenta a importância de reconhecer as produções cinematográficas como fontes legítimas e válidas para a produção do conhecimento histórico. Partindo da análise das imagens do produto fílmico, o historiador sugere que devemos nos engajar em uma compreensão mais aprofundada, considerando o contexto de produção da obra e a relação da fonte com outras áreas do conhecimento.

No Brasil, estudos apontam um desafio para os professores: não utilizar o cinema contemporâneo como mera ilustração, mas sim como instrumento de reflexão para compreender as sociedades analisadas. (Bittencourt, 2008). Neste sentido, a obra bergmaniana surge como alternativa para se abordar a idade média em sala de aula, como exposto a seguir.

O Sétimo Selo é um dos filmes mais icônicos de Ingmar Bergman, lançado em 1957, explorando de forma profunda e simbólica temas como a morte, a fé e o sentido da vida, através da jornada de um cavaleiro medieval, denominado Antonius Block.

Para justificar o uso de imagens do filme no decorrer deste artigo, usa-se como referência a Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/1998) oferece uma base legal sólida para tal. De acordo com o artigo 46, especialmente em seu inciso III, a legislação autoriza a citação de trechos de obras protegidas para fins de estudo, crítica ou análise, desde que a reprodução não substitua a obra original e que a fonte seja devidamente creditada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quadro abaixo encontra-se a organização das produções textuais utilizadas para debater os principais conceitos que serviram de base analítica para este artigo, Idade Média no cinema e o Ensino de História. O objetivo é o de aproximar e facilitar ao leitor, e possível pesquisador, as fontes utilizadas em relação aos temas debatidos.

Quadro 1: Obras e conceitos relacionados

| Conceito | Título | Autor | Ano |
|-----------------------|--------------------------------------------|-----------------|------|
| Idade Média no cinema | Para um novo conceito de idade média | Jacques Le Goff | 1993 |
| | As raízes medievais da Europa | Jacques Le Goff | 2007 |
| | A “idade das trevas” pela luz da lanterna: | Victor Godoy | 2015 |

| | | | |
|--------------------|----------------------------------------------------------------------------|-------------------|------|
| Ensino de história | Patria, civilização e trabalho: O ensino de História nas escolas Paulistas | Circe Bittencourt | 1990 |
| | Ensino de história: fundamentos e métodos. | Circe Bittencourt | 2008 |
| | Cinema e História | Marc Ferro | 1992 |

No longa-metragem, é possível observar as danças macabras, pinturas comuns nas igrejas durante a Baixa Idade Média, que representam camponeses, nobres e membros do clero dançando com um personagem que simboliza a morte (personagem). Essa cena demonstra a forte presença da morte no cotidiano da sociedade feudal durante o século XIV, com o avanço da peste negra na Europa ocidental.

Figura 2: A dança macabra



Fonte: O SÉTIMO SELO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ozcc1G-y lo&t=635s>. Acesso em: 27 out. 2024.

O filme, produzido no contexto do mundo Pós Segunda-Guerra Mundial apresenta uma reflexão sobre a relação entre a humanidade e a morte que retira do homem o sentido da vida. Sinal de uma crise de identidade e humanitária instalada na sociedade do século XX. A escolha do diretor em utilizar as cores preto e branco, com destaque para os tons mais escuros e opacos, reforçam sua intenção em criar uma atmosfera que representa o apocalipse. (Silva; Mapeou, 2008).

De acordo com Le Goff (2007, p. 231.)

A dança Macabra é notável pelo conjunto de personagens que estão envolvidos e pela forma de sua manifestação. Se de fato, o cadáver é essencialmente uma imagem individual da morte, a Dança Macabra é uma representação do conjunto da sociedade, de todas as categorias sociais e políticas que a compõem. Conduzida pelo papa e pelo imperador, ela faz toda a humanidade dançar, do rei ao nobre, ao burguês, ao camponês. Nem as mulheres escapam.

Em sala de aula, após a exibição do filme, é possível promover um debate relacionando essa reflexão com a pandemia de COVID-19 e o sentimento de medo que o vírus gerou na sociedade brasileira, responsável por milhões de mortes, e seus impactos na maneira como se encara a vida e a finitude. Esse sentimento de finitude da vida que transpassa a epopeia de Antonius Block no universo bergmaniano. (Filho; Nogueira, 2022).

Da organização dos dados obtidos e das discussões realizadas, conclui-se que a análise da iconografia em *O Sétimo Selo* oferece uma rica oportunidade para explorar a mentalidade medieval de maneira crítica e visualmente impactante. O uso das representações visuais presentes no filme, como as cenas das danças macabras, permite que professores e alunos mergulhem em aspectos fundamentais da sociedade feudal, como a constante presença da morte e a visão religiosa do período.

Esse exercício, ao ir além da mera ilustração histórica, encoraja uma abordagem investigativa e reflexiva que desperta o interesse pela pesquisa e pelo entendimento profundo das nuances culturais e sociais da Idade Média. Dessa forma, a integração do cinema no ensino não apenas contribui para a formação crítica dos estudantes, mas também amplia os horizontes pedagógicos dos professores, que encontram no audiovisual um aliado no ensino de conteúdos históricos complexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do potencial pedagógico do filme *O Sétimo Selo* para o ensino de História, a aplicação dessa metodologia encontra alguns limites práticos no ambiente escolar. A falta de estrutura adequada em muitas escolas públicas é um dos principais desafios, especialmente pela ausência de equipamentos como projetores, telas de bom tamanho ou auditórios que permitam uma exibição confortável e de qualidade. Sem esses recursos, a proposta de integrar o cinema à aula perde parte de seu efeito, dificultando a imersão dos alunos e o aproveitamento pleno da experiência audiovisual.

Outro desafio relevante é a acessibilidade linguística. Como *O Sétimo Selo* não possui uma versão dublada oficialmente em português, é necessário recorrer à versão legendada, o que exige que as legendas estejam bem visíveis e o áudio claro para que todos acompanhem o conteúdo. Esse fator pode limitar o entendimento dos alunos e exige condições técnicas adequadas, o que, em muitas escolas, representa uma dificuldade adicional.

Por fim, verifica-se a rica possibilidade didática na utilização da obra audiovisual no ensino de História, que proporciona tanto ao professor quanto ao estudante uma compreensão da mentalidade medieval a partir da análise crítica da película. Essa aproximação entre cinema e História apresenta grandes oportunidades de expansão e reflexão sobre diversas outras obras que abordam o tema da medievalidade, que também podem ser alvos de pesquisas futuras na área do ensino e aprendizagem de História.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BITTENCOURT, C. M. F. **Patria, civilização e trabalho**: O ensino de História nas escolas Paulistas. São Paulo: Loyola, 1990.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, C. M. F. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, São Paulo – SP. 32(93), 127-149. (2018). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562> . Acesso em: 18 out. 2024

FERRO, M. **Cinema e História**. Paz e Terra. São Paulo, 1992.

FILHO, J. A; NOGUEIRA, P. A. S. *O Sétimo Selo*, de Ingmar Bergman: um Apocalipse Contemporâneo. **Estudos Teológicos** . São Leopoldo. v. 62, n. 01.p. 10-3. Jan./Jun, 2022. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/download/1357/1372/1965>. Acesso em: 10 out. 2024.

GODOY, V. A. A “idade das trevas” pela luz da lanterna: O sétimo selo (1956) de Ingmar Bergman. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá - MT , vol. 2 , n. 2, jul/ dez, p. 140–159, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/215> . Acesso em: 20 out. 2024.

LE GOFF, J. **Para um novo conceito de idade média**: Tempo, trabalho e Cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAUPEOU, S. C; SILVA, D. S. O apocalipse bergmaniano. In: Cadernos de História UFPE. Espaços Medievais. Recife – PE: v.4 – n.4, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/cadernosdehistoriaufpe/issue/view/1984> . Acesso em: 19 out. 2024.

LEIS

BRASIL. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm Acesso em: 22 out. 2024.

FILMES

O SÉTIMO SELO. Direção: Ingmar Bergman. Suécia: Svensk Filmindustri, 1957. 1 filme (96 min), sonoro, preto e branco. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Ozcc1G-y_lo&t=635s. Acesso em: 27 out. 2024.